

“Por esse amor não peço nada em troca”: o trabalho voluntário da Torcida Uniformizada do Fortaleza

MATHEUS BRAGA XIMENES

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v28i2p108-127

resumo Esse artigo pretende analisar as ações da Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), que tem como um dos objetivos não só incentivar o time do Fortaleza Esporte Clube nas arquibancadas, como também na reforma e ampliação do patrimônio físico do clube, por meio de campanhas de arrecadação de dinheiro. A análise se dá considerando o futebol como um campo, nos termos usados por Pierre Bourdieu, um espaço marcado pela disputa de um capital simbólico próprio e formas de consagração específicas. Partindo das falas dos torcedores através de entrevistas, assim como da observação das reuniões realizadas na Sede da torcida, observou-se que, o grupo tem conquistado prestígio, sendo considerado pelos torcedores um modelo de Torcida Organizada a ser seguido. Esse crescimento do valor da associação, nesse espaço social onde a dádiva, o dar sem esperar algo em troca, são considerados valores supremos, tem sido conquistado a partir de dois modos de manifestação pública de desinteresse: primeiro, por algum ganho financeiro, e finalmente pela renúncia da busca de consagração.

palavras-chave Torcedores; capital; desinteresse; Renúncia; Interesse.

“For this love I ask nothing in return”: the volunteer work of the Fortaleza

abstract This article aims to analyze the actions of the Fortaleza Uniformized Fan (TUF), which has as one of its objectives not only to encourage the Fortaleza Esporte Clube team in the stands, but also to reform and expand the physical patrimony of the club, through campaigns. raising money. The analysis considers football as a field, in the terms used by Pierre Bourdieu, a space marked by the dispute of its own symbolic capital and specific forms of consecration. Starting from the speeches of the fans through interviews, as well as observing the meetings held at the Headquarters, it was observed that the group has gained prestige, being considered by the fans a model of Organized Cheering to be followed. This growth in the value of association, in this social space where giving, giving without expecting anything in return, are considered supreme values, has been conquered from two modes of public manifestation of disinterest: first, for some financial gain, and finally for renouncing the pursuit of consecration.

Keywords Supporters; Capital; Disinterest; Renounce; Interest.

Pontapé inicial

O ano de 2018, e o clube de futebol que torço, o Fortaleza Esporte Clube, passava por um de seus momentos mais gloriosos da sua história: após oito anos na série C, a equipe disputava a segunda divisão do Campeonato Brasileiro e era o líder. Eu, como torcedor sempre presente aos estádios, perdi poucas partidas disputadas em Fortaleza daquele ano, quando o Tricolor era o mandante. Já os jogos disputados longe da capital cearense, assisti pela televisão, na casa de amigos ou em restaurantes. Até que ouvi falar que na sede do clube, no estádio Alcides Santos, haviam sido disponibilizados telões para que os torcedores pudessem ver as partidas juntos, simulando a emoção de um jogo ao vivo, sofrendo e entoando as músicas cantadas nas arquibancadas. Nesses eventos, também eram vendidas alimentação e bebidas aos torcedores, e todo o lucro era repassado para o clube.

Logo soube que quem estava por trás daquele tipo de ação era promovido pela Torcida Uniformizada do Fortaleza e outros torcedores, e não a própria diretoria da agremiação. Essa descoberta se deu por meio dos informes feitos por pessoas que faziam parte do grupo, em redes sociais, de quando seriam as próximas partidas a serem exibidas pelos telões, o que seria disponibilizado aos torcedores, os preços dos produtos que lá seriam vendidos etc.

Em um evento que iria ocorrer na sede da torcida para acompanhar uma partida entre o Figueirense contra a equipe do Fortaleza, fora de casa, no qual fiquei sabendo da transmissão através das redes sociais, fui até o local do evento onde além da exibição do jogo, houve venda de bebidas, feijoada e churrasco para os torcedores. Já no local, apresentei-me, dizendo que tinha ouvido falar do evento, e que gostaria de conhecer e forma profunda aquele tipo de ação desenvolvida pela torcida, pois eu tencionava escrever um trabalho. Fui muito bem recebido, e ficou muito claro para mim, tanto pelo modo que falaram, como por suas reações, que eles se sentiram orgulhosos pelo interesse de alguém em ter a TUF como tema de pesquisa. Também fui convidado para participar das reuniões ordinárias, que acontecem às segundas-feiras, às 18h, na sede.

Algumas horas antes de começar o jogo, um dos integrantes da TUF passou a vender cartelas para um bingo que seria ali realizado, sendo os prêmios alguns *souvenirs* (chaveiros, bonés, camisas) com a marca do clube. Então, um fato me chamou a atenção: quando do fim dos sorteios, os vencedores não tinham dúvidas, pelo modo como reagiam e pelas suas falas, de que não deveriam ficar com os prêmios; devolviam-nos imediatamente para que pudessem ser novamente postos em jogo num próximo evento (chegavam, inclusive, a dizer isso quando eram chamados à mesa do bingo).

Esse universo, onde aqueles atos de desapego pelos prêmios que ganharam nos sorteios, a ponto de devolvê-los, eram vistos como naturais, além de existirem pessoas que dispunham parte de seu tempo para organizar esses eventos, inclusive as manhãs dos domingos para realizá-los, me fez pensar em algumas questões, que motivaram a realização desse estudo. Deste modo, o que motivou esses torcedores a realizarem trabalho voluntário

em prol do seu clube? Há algo além da necessidade de ajudar o Fortaleza? Existe algum tipo de gratificação pelo trabalho que praticam, ou pelo menos, eles almejam receber algo em troca?

Esse trabalho resulta da observação direta¹ da Torcida Uniformizada do Fortaleza, na sua Sede Social e em eventos promovidos pelo grupo. Para uma melhor escrita do que estava sendo observado, optei por fazer anotações do que estava vendo para depois em casa escrever o diário de campo, como um segundo olhar sobre os fatos observados, assim como demonstrou Magnani (1997):

Tomando como referência a expressão com que Geertz (1983) caracteriza os dois momentos constitutivos da prática etnográfica, *experience-near* e *experience-distant*, pode-se dizer que o caderno de campo situa-se justamente na intersecção de ambos: ao transcrever a experiência da imersão, corresponde a uma primeira elaboração, ainda vernacular, a ser retomada no momento da *experience-distant*. Quando já se está — aqui, o caderno de campo fornece o contexto de — lá; por outro lado, transporta de certa forma para — lá, para o momento da *experience-near*, a bagagem adquirida e acumulada nos anos gastos — aqui, isto é, na academia, entre os pares, no debate teórico (MAGNANI, 1997, p. 10).

O trabalho de campo constitui em um contato direto com a realidade social, o que pode implicar uma investigação participante, já que é preciso viver, ou conviver, com a comunidade para conhecê-la (COPANS, 1971, p. 39). Assim, considerando minha inserção no campo, através da experiência como torcedor, necessitei-me “desnaturalizar” sobre o que já sabia do objeto, de maneira que pudesse compreender o grupo social Torcida Organizada por um “olhar antropológico”, isto porque:

A partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade (OLIVEIRA, 2006, p. 18).

¹ A observação direta apresenta relevância a partir do momento em que permite perceber uma gama de situações e fenômenos que não são identificados somente por meio de perguntas (CRUZ, 1999). Neste sentido, “o observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto” (CRUZ, 2002, p.59).

A paisagem descrita pelo pesquisador que realiza etnografia é uma paisagem que o inclui e compõem o campo de estudo.

A primeira seção, procurando responder a tais questionamentos, me dedico a entender o que chamo de desinteresse interessado, através de Bourdieu, procurando trazer à tona os reais “interesses” que possam existir das ações desses torcedores. Nesse primeiro momento, faço a observação na sede da torcida, pois a TUF não só realiza trabalhos voluntários em prol do Fortaleza, como também em ações de cunho assistencialistas. Minha intenção era descobrir o porquê disso. Na outra seção, discorro acerca do desinteresse financeiro, situação essa que considero a mais “delicada” envolvendo o grupo aqui estudado, visto que narro uma situação desagradável envolvendo um torcedor e os demais membros da torcida onde nos é exposto uma rica situação que nos ajuda na análise. Por um último, esse trabalho eu fecho com o desinteresse por reconhecimento, mostrando esse jogo duplo em que esses torcedores agem em “prol” do clube sem querer nada em troca no campo da honra, mas que acaba demonstrando o contrário.

O desinteresse interessado

Um dos conceitos centrais para se ter o entendimento da forma como Pierre Bourdieu pensa as ações sociais dos indivíduos é o conceito de *habitus*, assim definido:

[...] sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente —regulamentadas‖ e —reguladas‖ sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um —maestro" (BOURDIEU apud ORTIZ, 1983, p. 15).

O sociólogo francês tinha em mente fugir do esquema clássico de duas visões clássicas das Ciências Sociais: de um lado o holismo (incluindo-se aí também o estruturalismo), que ignora o papel preconizado pelo homem em seus próprios atos, sendo esse orientado apenas por tradições, costumes, ou por um ser supraindividual externo a ele, como demonstrado no trecho a seguir:

A ação não é uma simples execução de uma regra, a obediência a uma regra. Os agentes sociais, tanto nas sociedades arcaicas como nas nossas, não são apenas autômatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhes escapam. Nos jogos mais complexos – as trocas matrimoniais, por exemplo, ou as práticas rituais -, eles investem os

princípios incorporados de uma *habitus* gerador [...] Onde todo mundo falava de —regras, de —modelos, de —estruturas, quase indiferentemente, colocando-se num ponto de vista objetivista, o de Deus Pai olhando os atores sociais como marionetes cujos fios seriam as estruturas, hoje todo mundo fala de estratégias [...] (BOURDIEU, 1983, p. 21-2).

Por outro, a teoria de Bourdieu também faz críticas ao individualismo e ao utilitarismo, para os quais o agente social opera a partir de sua própria vontade individual, fruto de sua consciência racional, como se os objetivos da sua ação fossem conscientemente definidos: “[a] prática tem uma lógica que não é a da lógica e, conseqüentemente, aplicar às lógicas práticas a lógica, é arriscar destruir, através dos instrumentos que utilizamos para descrevê-la, a lógica que queremos descrever” (BOURDIEU, 1996a, p. 145-6).

Portanto, os agentes fazem o que fazem, em um determinado campo social, de um modo diferente do que preconizam as duas correntes citadas anteriormente: nem de uma forma mecânica, sendo simples marionetes amarradas às grandes estruturas sociais, nem de uma forma completamente racional, pensada e orientada por fins estritamente calculados. O fazem a partir da confrontação de um *habitus* e situações típicas de um determinado campo, justamente onde tal *habitus* foi socialmente formado:

À redução ao cálculo consciente, oponho a relação de cumplicidade ontológica entre o *habitus* e o campo. Entre os agentes e o mundo social há uma relação de cumplicidade infraconsciente, intralingüística: os agentes utilizam constantemente em sua prática teses que não são colocadas como tais (BOURDIEU, 1996a, p. 143).

Para escapar disso, é preciso inscrever na teoria o princípio real das estratégias, ou seja, o senso prático, ou, se preferirmos, o que os esportistas chamam de “sentido do jogo”, como domínio prático da lógica ou da necessidade imanente de um jogo, que se adquire pela experiência de jogo e que funciona aquém da consciência e do discurso (à semelhança, por exemplo, das técnicas corporais). Noções como a de *habitus* (ou sistema de disposições), de senso prático, de estratégia, estão ligadas ao esforço para sair do objetivismo estruturalista sem cair no subjetivismo (BOURDIEU, 1983).

As ideias de Bourdieu vão de encontro, também, a outra corrente do pensamento social: do economicismo, ou seja, a noção de reduzir as metas de uma ação somente às finalidades econômicas, e considerar que as leis de funcionamento do campo econômico são válidas para os diversos campos sociais. Para o autor, cada campo tem leis fundamentais particulares e autônomas, o que faz com que um torcedor aja no campo econômico, em suas atividades laborais, por exemplo, não é o mesmo que o impele a atuar no campo dos torcedores:

A existência de um campo especializado e relativamente autônomo é correlativa à existência de alvos que estão em jogo e de interesses específicos: através dos investimentos indissolavelmente econômicos e psicológicos que eles suscitam entre os agentes dotados de um determinado *habitus*, o campo e aquilo que está em jogo nele produzem investimentos de tempo, de dinheiro, de trabalho etc. (BOURDIEU, 1990).

O que há de particular em alguns campos sociais é que a *illusio* inerente a ele, ou seja, o interesse que lhe é próprio é o interesse pelo desinteresse. Assim, existem campos onde há um recalque da assunção do interesse e pela sua demonstração pública, e a busca explícita por lucros, sejam simbólicos ou financeiros, é desencorajada, de forma explícita ou por lições tácitas, formando, assim, *habitus* — desinteressados ou antieconômicos. Entretanto, por trás das aparências desapegadas, há um tipo específico de interesse pelos alvos que estão em jogo nesse campo, ou seja, por uma forma de capital simbólico:

Os universos sociais nos quais o desinteresse é a norma oficial não são, sem dúvida, inteiramente regidos pelo desinteresse: por trás da aparência piedosa e virtuosa do desinteresse, há interesses sutis, camuflados “[...] Dito isso, não se vive impunemente sob a invocação permanente da virtude, já que somos apanhados pelos mecanismos e pelas sanções que existem para lembrar a obrigação do desinteresse” (BOURDIEU, 1996a, p. 152).

Em outros termos, no princípio da ação generosa, do dom inicial de uma série de trocas, não existe a intenção consciente (calculista ou não) de um indivíduo isolado, mas essa disposição do *habitus* que é a generosidade, e que tende, sem intenção explícita e expressa, à conservação ou ao aumento do capital simbólico.

[...] Para quem é dotado de disposições ajustadas à lógica da economia dos bens simbólicos, o comportamento generoso não é o resultado de uma escolha ditada pela liberdade, de uma decisão livre efetuada após uma deliberação que contém a possibilidade de agir de outra forma; ele aparece como a única coisa a fazer (BOURDIEU, 1996b, p. 9).

Para que seja admissível a existência de tal fenômeno, é necessário que haja um encontro entre de *habitus* e campos compostos pela mesma predisposição, ou seja, o desinteresse:

Se o desinteresse é sociologicamente possível, isso só ocorre por meio do encontro entre *habitus* predispostos ao desinteresse e universos nos quais o desinteresse é recompensado. Dentre esses universos, os mais típicos são, junto com a família e toda a economia de trocas domésticas, os diversos campos de produção cultural, o campo literário, o campo artístico, o campo científico etc., microcosmos que se constituem sobre uma inversão da lei fundamental do mundo econômico e nos quais a lei do interesse econômico é suspensa (BOURDIEU, 1996a).

Nesse caso, as ações dos componentes da TUF, que participam desse jogo social de doação àqueles que eles julgam necessitar dos atos de bondade realizados por eles. As ações desses torcedores, que participam desse jogo social de doação, estão inseridas dentro de uma economia do dom, ou seja, de um microcosmo em que há a denegação do interesse, do mesmo modo, configura-se pela busca, colocada como busca desinteressada, por um capital simbólico² (insígnias de honra, distinção, altruísmo, reconhecimento, prestígio).

Em outras palavras, é possível dizer que as ações assistencialistas possuem diferentes significados para os jovens que as vivenciam. Prova disso foi vista na observação da emoção de alguns membros da torcida ao verem crianças alegres ao receberem alimentos e brinquedos, em um dia de diversão dentro da sede da torcida.

[...] e é o que a mídia mostra hoje em dia, é violência. Eles não mostram “ação social”, que você já teve a oportunidade de participar de uma “ação social”. Você já viu alguém na mídia, alguém no jornal fazendo alguma matéria? Eles não vêm mostrar isso aqui. O mais importante pra mim é ajudar a quem precisa, principalmente quando é criança. Se a mídia não vem aqui, nós divulgamos mesmo assim [...] (Componente masculino de 19 anos)³.

A fala desse jovem mostra uma conduta, de se doar há uma causa beneficente, uma busca, calculada ou planejada, por um lucro, um capital simbólico específico falado anteriormente. Esse capital simbólico também tem formas particulares de ser objetivado, ou seja, de se deixar ser demonstrado tanto para os que estão inseridos nesse campo⁴, como para os que não estão.

No campo futebolístico, por exemplo, alguns indivíduos que dele participam e que agem da forma que se espera que um “torcedor de verdade” aja, ou seja, doando-se ao seu clube e sua torcida, demonstrando fidelidade, desapego e desinteresse a ganhos, sobretudo os econômicos, têm sido recompensados de diversas maneiras como por exemplo o reconhecimento de outros componentes dentro da própria torcida, assim tornando-se um torcedor “staff”⁵ como o “puxador”, “da bateria” e o “torcedor bandeira”.

² O capital simbólico reenvia às noções de prestígio e de reconhecimento social. Dispor deste capital é ter um certo poder sobre os que estão dispostos a nos dar crédito.

³ Entrevista realizada na sala da administração na Sede da torcida em 22/10/2018.

⁴ Campo futebolístico que envolve torcedores, torcidas, jogadores, dirigentes e a mídia principalmente a especializada em esportes que mostra as Torcidas Organizadas tanto no estádio, com as performances e coreografias das bandeiras e demais materiais, quanto também para responsabilizar esses grupos por atos violentos.

⁵ Nas ciências administrativas, o termo é utilizado para designar “os indivíduos ou grupos que, numa organização, fornecem serviços e conselhos à linha (hierarquia forma da instituição)” (STONER & FREEMAN, 1995, p. 259). O Staff não tem autoridade

O “animador da torcida” ou “puxador” permanece quase todo jogo de costas para o campo em cima de uma mesa de ferro para ter uma melhor visualização da organizada. Sua função principal é incentivar e animar os componentes através de cânticos e coreografias, podendo ainda identificar os que não estão correspondendo. O “bandeira” é responsável por “tremular” a bandeira da Organizada ou de suas aliadas, normalmente escolhido dentre os componentes com mais tempo no grupo e que possua habilidade no manejo do objeto, já que a bandeira é um dos “patrimônios” mais importantes da torcida. Os “integrantes da bateria”, juntamente com o “puxador”, são responsáveis pela animação do grupo através das “batidas” dos instrumentos. A bateria é fundamental na performance da torcida.

Presenciei durante o trabalho de campo, sobretudo durante as reuniões semanais⁶ na sede da TUF, vários episódios em que os integrantes precisaram demonstrar diversas formas de desinteresse. Essas reuniões acabaram se tornando em um teatro das virtudes (SETTON, 2004), ocasiões em que os que dele participam puderam tornar público seu desinteresse pelos possíveis lucros, econômicos ou simbólicos, gerados por meio do trabalho desenvolvido no movimento. O primeiro que evidenciei foi o desinteresse por algum tipo de ganho financeiro, como descrito a seguir a partir da organização de um evento pelo grupo.

O desinteresse financeiro

Domingo, dia vinte e um de abril de 2019. Após a final do campeonato cearense contra o seu maior rival, o Ceará Sporting Club, o Fortaleza sagrou-se campeão cearense de futebol. No dia dezoito (uma quinta-feira), na reunião na sede da torcida, que contou com a maior presença de membros da organizada em que estive observando, os componentes decidiram organizar uma carreata para comemorar o feito. Como é de praxe no futebol cearense, sempre que algum clube conquista um fato notável (leia-se, aqui, normalmente Ceará e Fortaleza, os clubes com maiores torcidas e números de títulos do Estado), os torcedores e as diretorias dos clubes costumam organizar tal evento, passando por diversas avenidas da capital cearense, ostentando bandeiras, camisas e símbolos dos clubes, seja nos corpos dos torcedores, seja em seus carros ou motos. Assim, decidiu-se que a carreata seria realizada no dia cinco de maio, no primeiro domingo do referido mês. O percurso iniciaria-se no Estádio Plácido Aderaldo Castelo, mais conhecido como Arena Castelão, local da partida final do campeonato, percorreria diversas avenidas da cidade, e teria como ponto

formal sobre os demais componentes do grupo, mas executam atividades importantes e fundamentais, como uma assessoria. Durante a pesquisa ficou evidente que esses “torcedores especiais” assessoram os líderes na identificação dos maus componentes, bem como, substituem os diretores em muitas ocasiões, principalmente nas viagens a outros estados. Na verdade, parte importante e imprescindível da organização é informal.

⁶ São momentos que antecedem principalmente aos jogos que vão acontecer no fim de semana ou algum evento importante para a torcida de forma particular como uma festa do grupo.

final a sede do clube, onde o grupo decidiu ajudar na organização de uma festa para o torcedor tricolor: um palco, onde se apresentariam artistas musicais, além de discursos de dirigentes, jogadores que fizeram parte do elenco durante o campeonato e; barracas de comidas e bebidas para vender aos torcedores presentes; sorteio e rifas de camisas usadas pelos jogadores nessa partida, além da bola do jogo, que devem ter se tornado peças valiosas para os ganhadores.

Para organizar tal evento, a TUF trabalhou em conjunto com um radialista, que apresenta um dos programas esportivos que trata exclusivamente do Fortaleza e demais torcedores. Por meio de um acordo, decidiram que o radialista ficaria responsável por organizar a carreata e tudo o que seria necessário para que ela acontecesse, como pedidos de autorização aos órgãos públicos (Polícia Militar, AMC⁷) e divulgação nos meios de comunicação de tal festa. Já a TUF ficaria responsável pelo arranjo da festa dentro da sede do clube. Seria necessário, ainda, que os promotores da carreata buscassem doações para a logística necessária para tal empreendimento. Por isso, buscaram doações com outros torcedores do Fortaleza, de dinheiro ou de materiais: equipamentos de som, palco, um caminhão para conduzir a carreata (doado por um deputado federal) e bebidas doadas por uma fabricante de refrigerantes, patrocinadora do clube. Para obter essas doações, os organizadores precisaram, além de ir diretamente aos doadores, transportar o que conseguissem para a sede do clube, o que teve que ser feito durante o horário comercial, pois o contato com esses amigos geralmente se deu em seus locais de trabalho.

Na semana seguinte, a uma semana da carreata antes do início de uma reunião, que teria como principal objetivo prestar contas do que foi arrecadado com as doações e continuar o planejamento do evento, os membros foram tirar medições do local onde seria instalado o palco, num espaço vazio entre as arquibancadas do estádio Alcides Santos. Nesse momento, um dos integrantes da TUF chega fazendo acusações ao radialista, afirmando ter informações que ele arrecadou mais dinheiro com amigos e deputados do que tinha declarado. Em sua defesa, o radialista afirmou que essa quantia que não havia sido revelada estava sendo usada para pagar o combustível usado em seus deslocamentos e para compensar os dias de trabalho que ele havia perdido para fazer essa arrecadação. Nesse momento, os ânimos ficaram extremamente exaltados entre os dois, sendo necessário, inclusive, que os outros participantes da reunião os separassem, evitando que eles entrassem numa disputa física.

Após o fim da confusão, o radialista saiu da sede do clube, e não participou da reunião que, por conta do acontecimento, passou a ser uma continuação do fato presenciado pelos componentes da TUF. A partir de seus comentários, ficou claro o repúdio à atitude e ao pensamento do radialista. Para eles, mesmo tendo prejuízos com os deslocamentos e faltando alguns dias de trabalho, não seria certo se apoderar de verba destinada para o evento que

⁷ Autarquia Municipal de Trânsito, Serviços Públicos e de Cidadania de Fortaleza, órgão municipal responsável pela organização e fiscalização do trânsito na cidade.

seria realizado em nome do Fortaleza; que ninguém estava envolvido na torcida para ter algum ganho, principalmente financeiro. Por isso, decidiram que após a realização da festa, uma prestação de contas, contendo todas as receitas e despesas, seria divulgada no site oficial da torcida, também nas redes sociais da mesmo e nos programas esportivos de rádio. Além disso, decidiram que nunca mais fariam qualquer tipo de evento em conjunto com tal radialista, por pensarem de forma completamente diferente desse último sobre como deveria ser a conduta de um torcedor em relação a seu clube.

Um indicador da necessidade de demonstrar que a causa que os motiva nesse tipo de trabalho não é, de forma alguma, a busca por lucros financeiros, é a preocupação constante dos membros da Torcida Uniformizada do Fortaleza de anunciar as prestações de contas de tudo o que é arrecadado e de divulgar também o que foi feito com os donativos doados por torcedores e empresários em nome do clube.

Testemunhei algumas vezes os associados relatarem que ouviram, seja diretamente a eles, seja por meio de terceiros, suspeitas por parte de outros torcedores que alguns deles estariam se apropriando indevidamente do que era arrecadado nessas mobilizações ou por outras formas de arrecadação de dinheiro ao longo do tempo de trabalho. Em um desses casos, talvez o mais extremo que tive conhecimento, se deu após a eleição para a diretoria da torcida, no mês de novembro de 2018. Após uma reunião com o então presidente do clube, ficou acertado que membros da diretoria anterior deveria organizar o evento, preparando a sala na sede da torcida onde aconteceu o pleito; ficando responsável, além disso, de prover os participantes e votantes com bebidas e alimentação. Para ter o direito de participar dessas eleições, ou seja, para poder votar e ser votado, é necessário ser sócio e estar em dia com as mensalidades. É comum que antes do período eleitoral os sócios que estão com pagamentos em atraso paguem tais mensalidades.

Dois pontos dessa prestação de contas causaram muitas discussões entre os torcedores, principalmente em grupos de *Whatsapp* e, também, na própria Sede: estavam assim discriminados os percentuais que seriam destinados para reinvestimento doados ao clube: — Comissão de mensalidade e Comissão venda de produtos licenciados do clube. Sem entender direito o sentido dessas comissões, os torcedores passaram a questionar o trabalho ali envolvido, pois pela redação dada ao documento, deu-se a entender que aquelas comissões seriam apropriadas pela torcida, e não devolvida ao clube. Isso ocasionou mal-estar entre os membros, pois os torcedores questionavam a finalidade gratuita do trabalho por eles desenvolvido.

De imediato, alguns integrantes começaram a se manifestar em grupos no *Whatsapp*, explicando o que realmente aconteceu: na verdade, segundo suas palavras, aquilo tinha realmente sido um erro na redação, e que nenhuma parte do dinheiro arrecadado seria destinada aos integrantes, mas sim todo devolvido ao Fortaleza, por meio de reformas ou construções dos espaços físicos. Três dias após a divulgação da primeira prestação de contas, foi colocada no site da torcida uma nova, com as devidas alterações no texto para que a confusão fosse sanada, e ainda incluindo tal trecho no final da nota, para justificar os gastos

feitos.

Prezando pela total transparência e bom relacionamento coma torcida, a TUF sentiu a necessidade de esclarecer alguns pontos contidos na prestação de contas divulgada no Site Oficial, e lança um novo documento contendo o detalhamento da arrecadação e despesas da eleição de novos membros da diretoria e os gastos, sem falar do arrecadado que seria imediatamente doado ao clube.

Chamou a atenção, desse modo, a prontidão com que os integrantes da TUF recorreram aos meios necessários, quando nesse momento a honestidade e o trabalho voluntário, sem qualquer tipo de interesse financeiro realizado pelo grupo, foram, de alguma forma, questionados. O mesmo interesse em demonstrar desinteresse financeiro foi atestado quando a torcida arrecadava dinheiro através de uma urna na sede para realização de compra de materiais para um mosaico que seria executado em um jogo do campeonato brasileiro da série A. Entretanto, para facilitar a captação de recursos, a diretoria da agremiação decidiu disponibilizá-los em vários pontos: em dias de jogos no estádio Castelão nas várias entradas que havia, bem como sob responsabilidade de membros devidamente identificados com coletes personalizados para aquele fim e uma urna onde circulavam no lado de fora do estádio.

As ações dos torcedores integrantes da TUF assemelham-se as analisadas por Mauss em sua obra sobre a troca de presentes em diversas “sociedades que são não destituídas de mercados econômicos [...] mas cujo regime de troca é diferente do nosso” (1974, p. 42). Nessas trocas, não são apenas indivíduos que as realizam, mas coletividades. O autor chama de *potlatch* as prestações totais agonísticas, onde há rivalidades pela demonstração de maior desapego e generosidade entre os indivíduos:

O que é notável nessas tribos, porém, é o princípio da rivalidade e do antagonismo que domina todas essas práticas. Vai-se até à batalha, até à morte de chefes e nobres que assim se enfrentam. Por outro lado, vai-se até à destruição puramente suntuária de riquezas acumuladas para elipsar o chefe rival, ao mesmo tempo associado (de ordinário avô, sogro ou genro). Há prestação total no sentido de que é de fato todo o clã que contrata por todos, por tudo o que possui e por tudo que faz, através do chefe como intermediário. Mas esta prestação reveste, da parte do chefe, um cunho agonístico muito acentuado. É essencialmente usuária e suntuária, e assiste-se, antes de mais nada, a uma luta dos nobres para assegurar entre eles uma hierarquia que resultará em proveito dos seus clãs (MAUSS, 1974, p. 46-7).

O autor aponta que no *potlatch* estão presentes três obrigações: a de dar, de receber e de retribuir. Obrigações que forma um todo coerente, interdependente. A obrigação de dar é a essência do *potlatch*.

Um chefe deve dar *potlatch* [...]. Só conserva a autoridade sobre sua tribo e sua aldeia, e até mesmo sobre sua família, mantendo apenas sua posição entre os chefes – nacional e internacionalmente – se provar que é tomado e favorecido pelos espíritos e pela fortuna, que é possuído por ela e que a possui, sendo a única forma de provar esta fortuna gastando-a, distribuindo-a [...] (MAUSS 1974, p. 104-5).

A obrigação de dar não é menos coercitiva. Não se tem o direito de recusar uma dádiva, de recusar o *potlatch*. Agir assim é manifestar que se teme ter de retribuir, é temer ser — achatado na medida em que não se retribui (Mauss 1974, p. 110). Abster-se de dar, como abster-se de receber, é perder dignidade – como abster-se de retribuir (MAUSS, 1974, p. 111).

Entretanto, quando essas ações são praticadas com outro espírito, tendo em vista lucros econômicos, por exemplo, o sujeito é visto com desprezo. Por isso, Mauss acentua o fato que, durante os rituais de prestações agonísticas, as trocas que se assemelhavam com o mercado, as trocas interessadas de produtos úteis, eram praticadas em separado do *potlatch*, e vistas como sendo de importância menor.

Tal foi o caso da única mulher que foi eleita para ser uma das diretoras da torcida. No dia de sua fala, agradeceu a oportunidade de fazer parte da direção, que seria muito prazeroso para ela por dois motivos: ajudar de alguma forma a torcida e o clube que aprendeu a amar através da família, e porque ela se sentia mal por fazer produtos de artesanato que usavam o símbolo do clube, revendendo. Para ela, seria errado que um torcedor tivesse como fonte de renda algo relacionado ao seu clube de coração. Nesse campo social em particular, o futebolístico, os torcedores não consideram como conduta adequada que algum deles obtenha ganhos financeiros através dos clubes de futebol, definindo, assim, quem merece a alcunha de torcedor e quem não merece, assim como no campo artístico, onde a relação entre tal agente ou obra e as relações comerciais definem o que pode ou não ser considerado como arte, como explicitou Bourdieu (2006, p. 30): “A oposição entre o comercial e o ‘não comercial’ encontra-se por toda parte: ela é o princípio gerador da maior parte dos julgamentos que, em matéria de teatro, cinema, pintura, literatura, pretendem estabelecer a fronteira entre o que é arte e o que não é [...]”.

A obrigação da recusa dos interesses materiais, ou seja, de que fique claro para a torcida e a diretoria que o dinheiro ou materiais arrecadados não são apropriados pelos seus membros, e que são usados de forma devida, seja repassando à diretoria do clube ou usando esses recursos nas obras a que foram destinados, mantendo assim, segundo afirmam os próprios associados, o “bom nome” ou o “nome limpo”.

O desinteresse por reconhecimento

Partindo das ideias de Marcel Mauss, Caillé (2002) aponta que o seu predecessor inaugura, sem que ele mesmo tenha a pretensão de afirmá-lo, um terceiro paradigma nas Ciências Sociais: o paradigma do dom, que, na sua visão, questiona os dois paradigmas predominantes nesse campo, sobretudo na questão fundamental da relação “indivíduo x sociedade”: o holista, que vê a sociedade como uma força superior aos indivíduos, e o individualista, onde os homens agem a partir de seus próprios interesses. Esse paradigma do dom vê a formação dos laços sociais de uma interdependência entre os dois termos, e não os isolando. Pensando mais designadamente na dádiva, o homem para o holismo é incapaz de ser generoso, visto que o seu ato é um puro reflexo das tradições, cumprimento de ritos instituídos; assim como o é também para o individualismo, que está muito fechado em si e em seus interesses pessoais para praticar tais atos orientados a outros indivíduos.

Então, Caillé (2002) pensa a ação social a partir dos mesmos termos que Mauss (1974), mesmo que o precursor não o tenha feito de forma mais explícita em sua obra: percebe-a como um composto de interesse e desinteresse, de liberdade e obrigação, sem que haja a sobreposição de algum desses termos. Ações que vão ao encontro com o paradigma do dom, mesmo em uma sociedade onde os interesses materiais ou individuais parecerem ser a tônica das práticas de seus integrantes, ser observados e analisados à luz desse novo paradigma.

Esse misto de ato interessado e desinteressado pode ser percebido nas ações dos membros da TUF a partir de diversos fatos. Tal foi o caso, em dois momentos, quando da reforma feita pelo grupo através de doação de uma das entradas do Estádio Alcides Santos, que permite o acesso ao departamento de futebol, em conjunto com outro grupo de torcedores, o Projeto Arena Tricolor. Durante as primeiras reuniões que observei, os membros discutiram sobre a necessidade de fazer tal reforma, tendo em vista o mau estado em que se encontrava aquela fachada, o que trazia uma má imagem ao clube. Decidiram que a reforma seria concretizada por meio da coleta de doações, de material de construção e de dinheiro para o pagamento da mão de obra necessária, de torcedores, empresários e conselheiros do clube, ficando a TUF responsável por incentivar essas concessões e fiscalizar a obra junto à diretoria do clube.

Entretanto, há outro aspecto a ser abordado, percebido em suas falas durante as reuniões para organizar a reforma: mesmo que em seus discursos sempre esteja presente a demonstração do desinteresse pela notoriedade, que o mais importante ali seria “instituição Fortaleza Esporte Clube”, ao mesmo tempo foram enfáticos em afirmar que uma ação daquele tipo, se bem divulgada na imprensa, para que chegasse aos outros torcedores, também os fazendo se engajar nessa ação, poderia trazer um reconhecimento para a Torcida Organizada.

Sacrificar-se assim, em nome de algo maior, é uma demonstração dessa mistura interdependente de interesse e desinteresse nas ações dos indivíduos, onde um sacrifício (de objetos, de dinheiro ou de si mesmo) pode também aparentar ser puramente utilitário, tendo essa submissão um fim último, ou seja, o clube de futebol; o militante de determinada causa

vê suas ações, a subordinação de si mesmo, como meros meios para a obtenção de um alvo. Esse fenômeno é denominado por Caillé (2002) de sacrificalismo utilitarista. Analisando os regimes totalitários do século XX, o nazismo e o comunismo, sob a luz desse conceito, Caillé demonstra o que motivaria os militantes dessas causas:

A única grandeza verdadeira é não almejar a grandeza e fazer de sua própria pessoa e do conjunto dos seus atos puros meios. — Age sempre de tal modo que te consideres a ti mesmo como puro meio e em caso algum como fim -, eis a máxima que norteia o agir do militante totalitário. Neste mundo de exacerbado antiutilitarismo sacrificial, onde só conta o fim, só existem de fato os meios. Tudo é apenas meio. Nenhuma atividade deve ser realizada por si mesma (CAILLÉ, 2002, p. 269).

Algo parecido se deu quando a obra de reforma do portão foi finalizada. A TUF e o Arena Tricolor organizaram um evento de inauguração do empreendimento, numa manhã de domingo, em um local próximo a essa entrada lateral do Pici, em um espaço já utilizado várias vezes para organizar eventos comemorativos e de arrecadação. A informação da festa foi divulgada no *site* oficial do clube e nos programas de rádio. Na atividade de inauguração, duas placas foram colocadas em uma das paredes laterais ao portão: uma na qual constam os nomes dos presidentes da diretoria executiva do clube, do conselho deliberativo, da TUF e do Projeto Arena Tricolor; e na outra os nomes de todos os que fazem parte dos dois grupos de torcedores e dos que fizeram doações de material de construção e dinheiro necessários à obra. Então, por que há a necessidade de expor os nomes dos que trabalharam ou fizeram donativos para essa ação, já que, segundo seus discursos, eles não estariam em busca de reconhecimento ao sacrificar seu tempo ou dinheiro em prol do clube?

Essa duplicidade nas ações e nos discursos, de ser desinteressado e, ao mesmo tempo, de demonstrar e afirmar publicamente o desinteresse, também é acompanhada por uma necessidade de expor as ações do grupo, de fazer um “marketing em benefício próprio”, não sem justificar tal fato como sendo em benefício do Fortaleza. Assim se deu quando da discussão sobre a prestação de contas feita pela TUF do dinheiro arrecadado no dia da eleição da diretoria. Um dos integrantes da torcida, o que mais participa desse tipo de discussões virtuais, fez uma postagem no grupo do Fortaleza no *facebook* dizendo da importância que tipos de ações realizadas pela torcida tinha naquele momento para o clube, pois o grupo pagava várias despesas cotidianas e simples, mas que são fundamentais para manter um clube de futebol. A fala do integrante também versa sobre o desaparecimento de seus companheiros, ao afirmar que alguns recusaram participar de algum cargo da diretoria do clube, como forma de abdicar alguma forma de benefício pelo trabalho que realizam.

É triste ter que expor o FEC, mas uma 'estória' infundada, repetida e propagada nas redes sociais e em alguns setores da imprensa, até que se

desfaça a calúnia, fica o dito pelo não dito. Visite o FEC, não é comum ver diretor lá dentro no horário comercial, portanto algumas despesas 'menores' e até 'emergenciais', muitas vezes são custeadas por membros da nossa torcida, que estão 'diariamente' no FEC. A TUF e demais torcedores realizam um trabalho que faz com que o FEC dependa muito de nós, pois as despesas de energia, telefonia e pessoal são pagas com recursos oriundos das contribuições dessas pessoas com as ações realizadas. Alguns membros de nossa torcida foram convidados a participar da nova diretoria, mas por questões 'éticas e morais' preferiu continuar 'ajudando' ao FEC, 'independente' de quem esteja presidente (Componente de 30 anos)⁸.

Mesmo que o interesse por reconhecimento esteja presente nas ações dos integrantes da torcida, de uma forma velada, sutil, ou semiconsistente, a lógica interna ao campo não permite que a real intenção seja desvelada. Assim como apontou Bourdieu (2006), ao referir-se ao campo artístico, uma característica do campo futebolístico é que o reconhecimento, através das diversas formas já citadas (placas, reconhecimento pelos pares), é esperado a longo prazo. Mas isso não significa que essa espera possa ser explicitada ou posta como objetivo; há, aí, a ocultação da espera e da necessidade de um contra-dom, de uma consideração, por parte dos outros ingressos no campo:

[...] os investimentos só terão retorno se forem operados, de alguma forma, a fundo perdido, à maneira de um dom que só pode ter a certeza do contradom mais precioso, ou seja, o reconhecimento, se vier a se aceitar como sem retorno; e, como no dom que ele converte em pura generosidade ao ocultar o contradom por vir, desvelado pela sincronização do —toma lá dá cá, é o tempo que serve de anteparo e dissimula o lucro prometido aos investimentos mais desinteressados (BOURDIEU, 2006, p. 65).

Essa espera a longo prazo pode ser percebida na decisão dos membros da TUF em trabalhar de forma mais centrada em ações no patrimônio físico do clube. Para eles, seria melhor para o clube que o retorno obtido com suas atividades se voltasse para esses itens, que garantiriam uma melhor estrutura para o clube no futuro. Com isso, estariam suprindo uma lacuna da diretoria executiva do clube, que pouco vinha investido no patrimônio, sendo sua verba destinada basicamente para o pagamento das folhas salariais. Como interpretar essa opção, de dar preferência ao extracampo, à infraestrutura, em empreendimentos que

⁸ Entrevista realizada na Sede da torcida em 22/10/2018.

esperam trazer resultados num período de tempo bem maior do que contratar e pagar salários de jogadores, que conquistariam títulos para o clube, de forma mais rápida?

Um elemento importante a se considerar na economia das trocas simbólicas apontado por Bourdieu (1996a, 1996b, 2009), para além dos já apontados por Mauss (1974) e Lévi-Strauss (1974), é o intervalo temporal entre o primeiro ato de doação, o ato fundador da relação, a dádiva inicial, e a retribuição, a contradádiva. Esse intervalo auxilia na fantasia coletiva de que os dois atos são completamente desinteressados, de que não há qualquer intenção ou desejo de que quaisquer dos dois atos sejam retribuídos ou retribuição de um primeiro, que são completamente desvinculados.

Mauss descreve a troca de dádivas como sequências descontínuas de atos generosos; Lévi-Strauss definiu-a como uma estrutura de reciprocidade que transcendia os atos de troca, nos quais a dádiva remete à sua retribuição. Quanto a mim, observei que o que faltava nessas duas análises era o papel determinante do intervalo temporal entre a dádiva e a retribuição, o fato de que, em praticamente todas as sociedades, admite-se tacitamente que não se devolve no ato o que se recebeu – o que implicaria uma recusa. Depois, perguntei-me sobre a função desse intervalo: Porque é preciso que a retribuição seja diferida e diferente? E mostrei que o intervalo tinha como função colocar um véu entre a dádiva e a retribuição, permitindo que os dois atos perfeitamente simétricos parecessem atos singulares, sem relação (BOURDIEU, 1996^a, p. 165).

Esperar, portanto, que os frutos do seu trabalho feito agora sejam aproveitados pelo clube no futuro, adiando também, alguma espécie de retribuição instantânea, acaba também sendo uma forma de desinteresse pelas retribuições típicas do campo. Também é uma forma mais concreta e visível de deixar seus nomes gravados na história do clube, já que é comum durante a história do futebol no Brasil que, os principais homenageados (leiam-se detentores do capital simbólico particular do campo futebolístico) pelos clubes são torcedores ou dirigentes responsáveis pela construção de empreendimentos.

Nesse campo, as ações de desprendimento são, além de incentivadas, recompensadas de alguma forma. Ser generoso e doar-se ao clube é algo visto como natural pelos que fazem parte desse campo.

Portanto, ao longo da pesquisa, compreendo a fundação de um agrupamento de torcedores como a TUF, e o ingresso nele pelos indivíduos que dele fazem parte, como uma “estratégia” empregada pelos seus membros de entrar na disputa por esse capital simbólico específico, tendo em vista a pouca participação deles ou de familiares passados em diretorias executivas ou altos postos dentro da hierarquia do clube. O uso do termo “estratégia” é outro ponto na tentativa de Bourdieu de fugir das teorias totalizantes do objetivismo, que prefere empregar o termo “regra”, sem cair no subjetivismo, ao percebê-las como surgidas de

esquemas racionais:

A noção de estratégia é o instrumento de uma ruptura com o ponto de vista objetivista e com a ação sem agente que o estruturalismo supõe (recorrendo, por exemplo, à noção de inconsciente). Mas pode-se recusar a ver a estratégia como o produto de um programa inconsciente, sem fazer dela o produto de um cálculo consciente e racional. Ela é produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando das atividades sociais (BOURDIEU, 1983, p. 81).

Assim, essa estratégia, de criação de um movimento de torcedores, que tem como objetivo trabalhar em prol do Fortaleza, teria como fundamento a fluidez do *habitus*, que permite aos indivíduos uma capacidade inventiva, tendo como objetivo a busca semiconsciente por um capital simbólico, de acordo com as situações do cotidiano do jogo que se está jogando, ao contrário de agir a partir de regras explícitas, como atesta o trecho a seguir:

É por isso que as condutas geradas pelo *habitus* não têm a bela regularidade das condutas deduzidas de um princípio legislativo: o *habitus* está intimamente ligado com o fluido e o vago. Espontaneidade geradora que se afirma no confronto improvisado com situações constantemente renovadas, ele obedece a uma lógica prática, a lógica do fluido, do mais ou menos, que define a relação cotidiana com o mundo (BOURDIEU, 1983, p. 98).

Em sentido análogo, essa criação de uma oportunidade para o crescimento de um grupo de indivíduos dentro de um campo de disputas simbólicas também ocorreu na pesquisa realizada por Maria da Graça Setton, ao pesquisar o Rotary Club da cidade de São Paulo. Ao pensar a formação desses tipos de instituições, a autora as considerou como “produtores de capital social e capital simbólico [...] tipo de prática de associativismo que serve de instrumento de distinção, de aproximação e separação social” (SETTON, 2004, p. 13).

O grupo pesquisado é composto por indivíduos da classe média paulista, que ascenderam financeiramente de forma rápida, alcançando uma “posição social confortável” (SETTON, 2004, p. 52), por meio do trabalho árduo, sem espaço para atividades culturais de lazer, estilo de vida que não os permitiu apoderar-se dos bens culturais considerados legítimos. As redes de relacionamentos criadas pelos membros do Rotary então pesquisados, através de suas atividades e presenças nesse espaço, os proporcionaram adquirir um tipo específico de capital simbólico que, segundo a autora, contrabalança a falta do capital

cultural apresentado por esse grupo:

Acreditamos que os clubes de serviço servem duplamente ao segmento representado pelos rotarianos. De um lado, portadores de origem social simples, recém-ingressos nas camadas médias, trazem na bagagem uma formação escolar privilegiada, mas necessitam de um elemento a mais de distinção para conseguirem sobreviver no jogo das disputas sociais. De outro, servem aos interesses do segmento pequeno-burguês, já estruturalmente constituído, possuidor de um certo capital social mas que necessita ampliar seu espaço de atuação que legitime seu prestígio e status (SETTON, 2004, p. 91-2).

Assim como tenho tratado as ações dos membros da torcida aqui analisada, Setton não considera que o ingresso no Rotary Club se configure como um tipo de saída pensada racionalmente para essa ausência, como explicitado nas palavras da própria autora:

De forma involuntária, mas norteada pelo princípio regulador de uma prática e um —sentido de jogol, em outras palavras, um habitus, os membros filiados ao Rotary Club parecem se utilizar da articulada rede social da qual participam a fim de manter e/ou alcançar uma posição no espaço social (SETTON, 2004, p. 15).

Portanto, tendo em vista a existência desse jogo de prestígio social entre os torcedores de futebol, mas que se joga fora das quatro linhas, um jogo distinto ao desportivo e de distinção (ARCHETTI, 1985), a criação de uma organização como a TUF, e o ingresso em seus quadros, foi a oportunidade que os *habitus* desses indivíduos, que nunca tinham ocupado espaços de alto prestígio dentro desse campo, os proporcionou como forma de disputar o capital simbólico no campo futebolístico. Comparando os membros da torcida com os do Rotary Club, e excluindo a busca por recursos financeiros, mesmo que de alguma forma indireta, encontrada por Setton nos associados do Rotary Club paulista, o que leva torcedores do Fortaleza a realizar tais ações é algo parecido com o que motiva os segundos:

Trata-se de uma forma de criar sociabilidade em que, na aparência, tudo é desinteressado, tudo se reveste de um verniz de desprendimento. Por detrás de provas morais e éticas, poderíamos vislumbrar estratégias objetivas de conquista e/ou manutenção de posições sociais privilegiadas, Por detrás de uma sociabilidade desinteressada, poderíamos observar uma trama de interesses sociais concretos de conquista, aumento ou manutenção de poderes e recursos na forma de capital econômico, capital social e capital simbólico (SETTON, 2004, p. 119).

Considerações finais

Como tema de pesquisa das Ciências Sociais, o futebol tem sido frequentemente visto como um campo, no sentido bourdieusiano, de amplitude global, onde há a concorrência por um capital simbólico, denominado por alguns por capital futebolístico (DAMO, 2005, 2008; RIAL, 2008), que envolveria todas as instituições e pessoas que fazem parte de sua organização a nível mundial (as confederações e federações que organizam e regulamentam as competições; os jogadores, treinadores), como tem sido tratado por diversos pesquisadores, que envolvem hierarquias que em sua maioria são resolvidas, para cada um desses agentes, de uma maneira determinada, em função do papel exercido nessa estrutura: a partir das conquistas de campeonatos; dos lances de bela feitura ou de grande categoria; na montagem de elencos ou de sistemas táticos que fazem sucessos por anos, criando a aura sob times vitoriosos. Nesse sentido, os torcedores parecem excluídos dessas lutas simbólicas existentes no futebol, exceto por algumas pesquisas realizadas com torcidas organizadas, onde o capital simbólico é conquistado a partir das disputas, muitas vezes com atos de violência, que envolvem torcidas de outras equipes rivais.

Entretanto, o que pretendi demonstrar por meio desse artigo é que tal esporte também pode ser analisado a partir de outra visão: de que no entorno de cada clube configura-se um campo próprio, dentro do qual as atitudes de abnegação, de sacrifício de si em prol do clube são reconhecidas e recompensadas, mesmo que os que praticam tais atos não os desejem racional e explicitamente, por pessoas que estão ligadas ao mesmo clube; quer dizer, o que um torcedor de um clube faz pelo seu time não tem significado para os torcedores de um clube adversário, a não ser de servir de inspiração. Em outras palavras, e citando um exemplo prático, o capital simbólico conquistado por um torcedor do Fortaleza, por meio de sua dedicação de qualquer forma que seja pela sua agremiação, não tem valor simbólico para um torcedor do Ceará; não haveria uma maneira de fazer uma reconversão do capital (BOURDIEU, 2008) conquistado no primeiro campo, dos torcedores tricolores, para o formado pelos alvinegros, já que no futebol, espaço onde a lealdade e a fidelidade a um clube são sentimentos valorizados, a mudança de clube é considerada um pecado.

Ao tratar esses atos de amor, de dedicação ao seu clube de futebol, com a linguagem e os códigos das disciplinas das Ciências Sociais, como estratégia, *habitus*, capital etc., parece diminuir os indivíduos que se dedicam a essa causa ou o sentimento deles pelo clube, caracterizando suas ações como cínicas ou disfarçadas. Entretanto, essa não foi a intenção do texto aqui escrito; o que se pode ver, para além do amor e da dedicação de cada um dos torcedores por seu clube preferido, que se aprende a amar desde a infância, com o incentivo (quase imposição) de um pai, irmão, primo ou amigo, é que os atos individuais de cada um acaba formando algo maior, que nenhum deles isoladamente imaginou. Assim, atos baseados em sentimentos como amor, desapego, abnegação, desinteresse, acabam construindo um jogo, onde está em disputa um tipo de prestígio que interessa somente a esses agentes dotados de *habitus* desinteressados.

Referências bibliográficas

- ARCHETTI, Eduardo. Fútbol y ethos. In: *Monografias e informes de investigación*. Buenos Aires: FLACSO – Series de investigación, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996a.
- _____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *A produção da crença*. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2006.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- _____. *O senso prático*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- CAILLÉ, Alain. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- COPANS, Jean. *Antropologia, ciência das sociedades primitivas?* São Paulo: Edições 70, 1971.
- DAMO, Arley. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Rio Grande do Sul: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005, 435p.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- MAGNANI, José. Cardoso. *O velho e bom caderno de campo*. Revista Sexta-Feira, n.1, p.8-12, maio 1997.
- OLIVEIRA, Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2006
- ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. In: ORTIZ, Renato. (org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- RIAL, Rodar. A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, nº 30, 2008.
- STONER, James.; FREEMAN, Edward. *Administração*. 5.ed. Rio de Janeiro: PHB, 1995.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Rotary Club. Habitus, estilo de vida e sociabilidade*. São Paulo: Annablume, 2004.

autor

Matheus Braga Ximenes

Mestre em Sociologia e graduado em Ciências Sociais, ambos pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Recebido em 03/09/2012

Aceito para publicação em 04/12/2019